

BASBAUM, Ricardo; HOLDER, Will; PETHICK, Emily. Diagrams, 1994 – ongoing. BERLIM: Errant Bodies Press, 2018.

Alexandre Sá¹

Talvez o mais justo seja começar essa resenha com uma verdade inelutável: a demora para que ela fosse escrita. Os motivos foram múltiplos. Mas o mais lúcido é a dificuldade de resenhar um livro que compila parte da trajetória de Ricardo Basbaum. Mais que compilar, a publicação reúne de maneira generosa um conjunto de diagramas produzidos a partir de 1994 e potencializa o mergulho numa terceira margem estética entre palavra, imagem, sons, pequenas espacialidades, murmúrios quânticos, conceitos recolhidos em alguma aurora boreal museológica, poesia sonora, poesia visual através de textos do artista, conversas com outros críticos, curadores e historiadores, imagens, além de informações, digamos, objetivas, se possível forem, do seu processo de pensamento e produção.

Sendo assim, trata-se de uma pequena epopeia gráfica, física, impressa que lida de forma muito elegante e obviamente, inteligente, com dois elementos importantes: a impossibilidade de completude do próprio devir de compreensão total e a consciência fatídica de uma dificuldade operacional do registro em situações onde a experiência, o diálogo e o entrecruzamento fazem parte do processo. Em outros termos, é uma publicação extremamente audaciosa que sabe da sua necessidade de assinalar uma rede infinita de questões, inclusive históricas, mas que reconhece a falta, nesse sentido margeando-a de todas as formas possíveis da letra, da absoluta presentidade da presença e do jogo de experimentação físico-sonora-participativa que o trabalho também vem descobrindo e investindo ao longo dos últimos dez anos.

E é parte dessa consciência que se apresenta a partir do momento que percebemos a indicação no título: 1994-ongoing. Em andamento. Em processo. Em processo de infinitude. De abertura. De expansão. De vaporização. De construção de uma névoa poética

¹Alexandre Sá é artista, psicanalista, crítico e curador. Atualmente é professor do Instituto de Artes da Uerj e do Programa de Pós-graduação em Artes da Uerj. É membro e coordenador geral do fórum do campo laciano de Niterói.



que, numa relação muito específica com o objeto de arte/objeto livro de artista em seu devir fetichista, opta de forma nada solene, por esvair-se; como uma bruma. Para precipitar-se em outros movimentos e outras propostas como a de um livro outro, talvez na página da pele, escrito pelo conjunto de leitores/agentes em novos processos de leitura e assim por diante. Como Brandon LaBelle revela: *“O diagrama começa, mas nunca termina (...) O diagrama é um loop no qual eu entro”*.

E embora no glossário esteja dito que diagrama é uma modalidade de desenho considerado como uma ferramenta de conexão, é possível arriscar que nesse caso, livro e diagrama estejam amalgamados, numa região de indiscernibilidade sonora (também ao manusearmos as páginas). No labirinto livro, a leitura se faz necessariamente, ativo-participante a partir e do seu exercício deambulatório, incompleto, não-linear e rizomático. Sendo assim, é uma referência aos estudiosos da obra do artista, da arte brasileira e da possibilidade de construção de um pensamento gráfico não-linear, que aponta para diversas referências e práticas plurais, para pensar de maneira reinventada e não-menos densa, a relação da arte brasileira dentro do panorama mundial.

Importante destacar que esse devir-colaborativo se deu no processo de idealização e diagramação, realizado em parceria com Will Holder, designer e também editor do livro, junto com Emily Pethick. O design merece atenção, pois embora persiga uma inventividade própria da editora Errant Bodies, auxilia na ampliação e dispersão do espaço gráfico através de seu tamanho físico considerável e de algumas de suas páginas duplas, promovendo a respiração e o tempo necessários para os diagramas e suas práticas de repouso e ativação.

Além disso, há algo de estranho, se também compreendido como aquilo que nos é familiar no objeto-livro, pois o mesmo se situa entre o catálogo, o livro de artista, mas talvez insista em se aproximar de um caderno de anotações expandido, como se fosse possível conciliar pensamento, história da arte, filosofia, biologia, cultura popular, música, afetos e curtos-circuitos em um infinito gabinete de curiosidades, não tão distante da Biblioteca de Babel de Borges.



Uma questão relevante nesse caso, é que a publicação nasceu de uma exposição individual, curada por Miguel von Hafe Pérez e pelo próprio artista no Centro Galego de Arte Contemporânea em Santiago de Compostela, na Espanha, em 2013. Mas para que fosse idealizada, produzida e finalmente impressa, contou com o apoio de diversas instituições: Henri Morre Foundation, Frances Reynolds, Galeria Jacqueline Martin, Arts Council England, Mondriaan Foundation, Stichting Doen e Gemeente Utrech.

Para além de todos os nomes e inevitáveis agradecimentos, é fundamental considerar a força com que o livro consegue explodir a lógica do catálogo de uma exposição, que por sua vez, está muito bem documentada. Mas a riqueza do projeto é exatamente o sem número de referências e informações que estruturam um pensamento aberto e amplo, que dessa vez, escapa de maneira sagaz de uma construção narrativo-teórica de pensamento. Ou seja, as questões que em outras publicações e textos, eventualmente encontraram outro fluxo escrito, talvez mais repleto de meandros verticais, estão todas aqui, ilustradas sem quererem ser ilustração, de maneira quase autônoma, negando habilmente uma circularidade de compreensão e encadeamento.

Tenho defendido com alguma frequência, a fraqueza dos livros de arte quando relacionados a alguma exposição, principalmente, no caso do Brasil. São raros os exemplos de publicações que a partir de um projeto, erigem um manancial teórico/visual para essa e outras gerações. Essa publicação não foi feita no Brasil, mas por um artista brasileiro, em parceria com diversos agentes, através de muita demora e determinação. E exatamente por isso, merece toda a atenção e espera-se, muito em breve, uma publicação em língua portuguesa. Com urgência.

